

O DESAFIO DE CONTER O IMPULSO DA PALAVRA: FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS E PRÁTICOS DO SILÊNCIO NA CONVIVÊNCIA

Ainor Francisco Lotério

Agrônomo, filósofo, teólogo, palestrante e diácono permanente. Criador da Agrosafia.
Camboriú, Santa Catarina, Brasil. www.ainor.com.br | www.loterio.com.br

RESUMO

O presente artigo examina o impulso de intervir verbalmente diante da opinião infundada alheia, fenômeno particularmente agudo entre pessoas formadas no raciocínio estruturado e na busca metódica da verdade. Parte-se da hipótese de que tal impulso não constitui vício moral nem virtude, mas energia psíquica cujo valor depende integralmente do governo racional exercido sobre ela. A investigação, de natureza teórico-reflexiva e abordagem qualitativa, articula três eixos analíticos: a desvinculação entre verdade e consentimento alheio, fundamentada na distinção kantiana entre dever e inclinação; o filtro da utilidade prática mediado pela pausa, apoiado no conceito frankliano do espaço entre estímulo e resposta; e a resignificação do silêncio como virtude ativa, sustentada em Epicteto, Max Picard e na tradição sapiencial cristã. Conclui-se que o silêncio consciente, longe de configurar omissão, constitui exercício superior de liberdade e condição de preservação da paz doméstica e social.

Palavras-chave: Silêncio. Autocontrole. Convivência. Filosofia prática. Agrosafia.

1 INTRODUÇÃO

Há um sofrimento pouco confessado entre aqueles que dedicaram a vida inteira ao estudo, ao raciocínio estruturado e à busca honesta da verdade: o incômodo diante do achismo alheio. Não se trata de arrogância intelectual, mas de algo mais delicado. Quem passou décadas aprendendo a distinguir o dado da suposição sente, quase fisicamente, o desconforto ao ouvir uma afirmação leviana tratada como certeza.

O impulso de intervir, corrigir, asseverar e oferecer o palpite exato surge como reflexo, e manifesta-se com mais força justamente onde deveria ser mais contido: dentro de casa, entre os que amamos, nos círculos de convivência diária, na fila do comércio, na conversa de esquina. O problema, portanto, não é acadêmico. É doméstico, cotidiano e persistente.

Este artigo tem por objetivo geral analisar filosoficamente esse impulso e propor critérios racionais para seu governo. Como objetivos específicos, busca-se demonstrar a independência lógica entre a verdade e sua aceitação pelo interlocutor, estabelecer um filtro operacional de pertinência da palavra e fundamentar o silêncio como virtude ativa, e não como omissão.

A questão central que orienta a investigação pode ser assim formulada: em que condições a expressão de uma convicção sólida se justifica, e em que condições ela apenas serve à autoafirmação de quem fala? A hipótese sustentada é a de que a maturidade não

consiste em perder a convicção, mas em ganhar domínio sobre o momento de expressá-la.

2 METODOLOGIA

Trata-se de estudo teórico-reflexivo, de abordagem qualitativa, desenvolvido mediante pesquisa bibliográfica e análise conceitual. O corpus é composto por fontes filosóficas clássicas (Epicteto e Kant), pela psicologia existencial (Frankl), pela fenomenologia do silêncio (Picard) e pela tradição sapiencial cristã, articuladas a reflexões previamente publicadas pelo autor em seus portais de comunicação pessoal.

O procedimento adotado consiste na identificação de três eixos analíticos do fenômeno, no cotejo de cada eixo com sua fundamentação teórica correspondente e na derivação, ao final de cada seção, de uma aplicação prática verificável na experiência cotidiana. Não se pretende generalização estatística, mas consistência argumentativa e utilidade existencial.

3 DESVINCULAR A VERDADE DO CONSENTIMENTO ALHEIO

3.1 O ego travestido de zelo pela verdade

A irritação diante da discordância revela algo que costuma passar despercebido: não é a verdade que está ferida, é o ego que não obteve a adesão esperada. Uma proposição não se torna mais verdadeira porque foi aceita, nem menos verdadeira porque foi rejeitada. Se a serenidade de quem afirma depende da concordância de quem escuta, então o que se buscava não era a verdade, era o reconhecimento.

Immanuel Kant, na Crítica da razão prática, distingue o agir por dever do agir por inclinação. Aplicada à palavra, a distinção é severa. Quando falo para esclarecer, sirvo à verdade. Quando falo para vencer, sirvo a mim mesmo e uso a verdade como instrumento. O argumento pode ser idêntico nos dois casos, mas a raiz é oposta, e a raiz determina o fruto.

3.2 A ilusão do centro do mundo

Boa parte do sofrimento humano nasce da suposição silenciosa de que somos o eixo em torno do qual as percepções alheias deveriam organizar-se. Conforme sustentado em Lotério (2025a), abandonar essa pretensão liberta. O bem e a verdade sustentam-se sozinhos, sem plateia, sem tutor, sem aprovação. Quem compreende isso deixa de precisar convencer para permanecer inteiro.

3.3 O respeito ao livre-arbítrio como aplicação prática

O outro tem o direito de sustentar uma opinião frágil. Esse direito é parte de sua dignidade, não uma falha a ser corrigida por terceiros. Toda escolha carrega sua conta, e a conta chega sem intervenção externa, como se argumenta em Lotério (2025b). Permitir que o interlocutor siga com seu achismo não enfraquece o argumento sólido; apenas preserva as forças de quem o possui para as questões que efetivamente importam.

4 O FILTRO DA UTILIDADE E A PAUSA ESTRATÉGICA

4.1 O espaço entre o estímulo e a resposta

Entre o estímulo e a resposta existe um espaço. Viktor Frankl, que o descobriu em circunstâncias que autorizam qualquer afirmação sua sobre liberdade interior, ensinou que nesse espaço reside o poder de escolher a própria resposta, e nele estão o crescimento e a liberdade humana. Esse espaço mede-se em milissegundos, mas é onde os destinos se decidem. A pressa em responder torna o sujeito escravo do estímulo externo: quem reage imediatamente não escolheu, foi acionado.

A pausa, portanto, não é hesitação. É jurisdição. É o instante em que a razão recupera a competência que a emoção tentava usurpar, tese desenvolvida em Lotério (2025c).

4.2 Os três critérios de pertinência da fala

Dentro da pausa cabe uma pergunta simples, que resolve a maioria dos casos: minha intervenção alterará a realidade prática desta situação? Se a resposta é negativa, a palavra é ruído. Se é afirmativa, impõem-se dois exames complementares: sou eu a pessoa adequada para dizê-lo e este é o momento adequado? O interlocutor está disposto a ouvir?

Somente quando os três critérios coincidem a fala se justifica. Fora dessa coincidência, o palpite tecnicamente correto produz atrito real e correção nenhuma. A pausa opera, assim, como barreira protetora, não do outro, mas de quem fala.

5 RESSIGNIFICAR O SILÊNCIO COMO VIRTUDE ATIVA

5.1 A força exigida pelo silêncio

Calar costuma ser lido como fraqueza, omissão ou submissão. É o contrário. O silêncio consciente exige mais força do que a réplica, porque a réplica é o caminho fácil, o escoamento natural da energia acumulada. Segurar essa energia e não descarregá-la é ato de governo interior, conforme se sustenta em Lotério (2025d).

Epicteto, no Manual, recomenda silenciar na maior parte do tempo ou falar apenas o necessário, e a recomendação vem acompanhada de sua distinção fundamental entre o que

depende de nós e o que não depende. A opinião alheia pertence à segunda categoria. Gastar-se com ela é desperdício de vida.

5.2 O silêncio como presença, não como ausência

Max Picard, em *O mundo do silêncio*, oferece a formulação decisiva: o silêncio não é ausência de som, é presença. É ele que confere peso e valor às palavras que merecem ser ditas. Numa cultura saturada de ruído, na qual todos opinam sobre tudo o tempo inteiro, quem fala pouco e no momento certo é ouvido com uma atenção que nenhum volume compra.

5.3 A dimensão teológica do domínio da língua

O domínio da língua atravessa toda a tradição sapiencial. A Epístola de Tiago é categórica ao tratá-la como o membro que ninguém doma e que decide o rumo do corpo inteiro. Não se trata de moralismo. É o reconhecimento de que a palavra dita não retorna e de que a paz doméstica se perde por frases pequenas proferidas em segundos irre recuperáveis.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Substituir a frustração pelo domínio próprio não é abdicar da verdade; é honrá-la. Quem se cala diante do achismo não se omite: aplica ativamente a sabedoria da convivência, forma de inteligência tão exigente quanto a técnica e infinitamente mais rara.

Os três eixos analisados convergem para uma mesma conclusão. A verdade não depende de aceitação, a fala só se justifica quando altera a realidade prática e o silêncio é presença, não vazio. O silêncio consciente torna-se, assim, ato de preservação da paz doméstica e social e, sobretudo, exercício de liberdade, porque só é livre quem escolhe, e só escolhe quem consegue esperar.

Como desdobramento, sugere-se o aprofundamento da relação entre esses critérios e a formação de lideranças, campo em que o excesso de palavra costuma ser confundido com autoridade e no qual a pausa racional poderia ser incorporada como competência formal.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. Novo Testamento. Epístola de Tiago, cap. 3. São Paulo: Paulus, 2002.

EPICTETO. **Manual** (Enchiridion). São Paulo: Edipro, 2016.

FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão prática**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. **A ilusão do centro do mundo**: uma armadilha silenciosa que acompanha grande parte da humanidade. Portal Lotério, 2025a. Disponível em: <https://loterio.com.br/a-ilusao-do-centro-do-mundo-uma-armadilha-silenciosa-que-acompanha-grande-parte-da-humanidade/>. Acesso em: 14 jul. 2026.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. **Livre-arbítrio**: você é livre para escolher, mas não para fugir da conta. Portal Lotério, 2025b. Disponível em: <https://loterio.com.br/categoria/familia/page/2/>. Acesso em: 14 jul. 2026.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. **A sabedoria da pausa**: o espaço sagrado entre o estímulo e a resposta. Portal Lotério, 2025c. Disponível em: <https://loterio.com.br/a-sabedoria-da-pausa-o-espaco-sagrado-entre-o-estimulo-e-a-resposta/>. Acesso em: 14 jul. 2026.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. **Estude, treine, silencie e trabalhe. Que maravilha!** Portal Lotério, 2025d. Disponível em: <https://loterio.com.br/estude-treine-silencie-e-trabalhe-que-maravilha/>. Acesso em: 14 jul. 2026.

PICARD, Max. **O mundo do silêncio**. São Paulo: É Realizações, 2018.